



A Globalização dos Mercados e a Iniquidade Social

Alexandre Santos

Comentário sobre os efeitos sociais e econômicos da chamada Globalização dos Mercados.

A atividade econômica ficou tão preocupada em modernizar seus procedimentos para ganhar competitividade que esqueceu que cada operário desempregado na fábrica é um consumidor a menos no mercado

Ouçõ no rádio a propaganda de um novo automóvel lançado no Brasil. Ele é apresentado como sendo fruto da mais alta tecnologia. Construído na Espanha, na fábrica "mais moderna" da Europa, equipada com 300 robôs. E eu me pergunto: ora, se o tal automóvel é tão bom, tão moderno, como é que ainda sobram unidades para serem vendidas no Brasil, um país tão longe da Europa? Onde estarão os consumidores espanhóis que estão deixando escapar essa pérola da mais alta tecnologia, construída na fábrica mais moderna da Europa, por 300 robôs?

E, aí, eu me lembro. É claro, os espanhóis não estão comprando esse carro maravilhoso porque não podem. Estão sem emprego e renda, desempregados pelos tais 300 robôs modernos e eficientes. A atividade econômica ficou tão preocupada em modernizar seus procedimentos para ganhar competitividade que esqueceu que cada operário desempregado na fábrica é um consumidor a menos no mercado.

Imagino que, um belo dia, sua direção viu com espanto que os pátios que estocam os "melhores carros da Europa" estavam repletos por falta de consumidores no mercado interno, esmagados pela sua prática concentradora de renda e de busca obstinada pela competitividade. Nesse momento, ao invés de reconhecer a injustiça de privar seus conterrâneos mais pobres do desfrute de sua grande conquista tecnológica e verificar fórmulas capazes de recuperar seu poder aquisitivo (o que, diga-se de passagem, também resolveria seu problema de insuficiência das vendas), imaginaram uma tal de "globalização dos mercados" pois, afinal de contas, se os seus conterrâneos pobres não podem comprar, os ricos estrangeiros, podem. Então, pensaram eles, vamos estimular a globalização dos mercados, pois o nível dos negócios se mantém à despeito dos pobres que o modelo da modernização produz.

Essa, em resumo, é a lógica da globalização dos mercados tão festejada por todos os insensíveis.

A tese da Globalização dos Mercados tem um rastro extremamente perverso pois, ao garantir um núcleo de consumo pela união daqueles que podem comprar (independentemente de onde possam estar, de Nova York à Moscou, de Bombaim à

Mogadísio), os “modernos” se dispensam da preocupação em relação ao poder aquisitivo das populações locais e passam a ter a preocupação única de como aumentar sua produtividade. Surgem, então, os largos programas de reengenharia, qualidade total, etc. Tudo com vista ao aumento da produtividade e “ganhos de competitividade”. Daí ao desemprego e ao arrocho salarial é um passo.

O pior de tudo, é que muitos desses cavalheiros, tão espertos para imaginar essa forma de continuar a ganhar dinheiro, mesmo num quadro de crise econômica, parecem não se aperceber que o modelo que concebem, praticam e serve de estufa para a sua atividade econômica é causa de vasta iniquidade social. Parecem não entender que sua prática é a causa última do aumento da violência e criminalidade que mantém as pessoas prisioneiras em suas próprias casas. Preferem não ver a malvadeza e perversidade da sua ação, colocando a culpa na polícia, na legislação penal ou nas drogas.

Alexandre Santos é presidente regional e dirigente nacional do Partido Solidarista Nacional (PSN)

Trecho da carta remetida aos solidaristas por ocasião de uma Reunião Nacional, em Belo Horizonte - MG, em 25 de novembro de 1995.